

DESCONSTRUINDO O ESTIGMA AO CORPO DA MULHER: A NATUREZA FEMININA NO TRATADO SOBRE O HOMEM DE TOMÁS DE AQUINO

Deconstructing the Stigma of the Female Body: The Feminine Nature in Thomas Aquinas' Treatise on Man

Pablo Gatt

Professor Substituto do curso de História da Universidade Federal do Espírito Santo
Pesquisador do LETAMIS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2410-2645>

E-mail: Gattpablo@gmail.com

Recebido em: 06/10/2025

Aprovado em: 23/12/2025

Resumo: Este artigo tem como objetivo explorar as complexas interações entre gênero, poder e criação no pensamento medieval, focando nas representações de Lilith e Eva na obra de Tomás de Aquino, especialmente no Tratado sobre o Homem da Summa Theologiae (1273). Através de uma análise detalhada das comparações entre a natureza masculina e feminina, investigamos como Aquino aborda a criação do corpo humano, destacando as distinções teológicas e filosóficas que moldaram a compreensão medieval da corporeidade. O estudo revela as implicações dessas narrativas para a percepção da feminilidade e do papel das mulheres na tradição teológica, propondo uma reavaliação crítica das ideias de submissão e igualdade presentes nas discussões sobre a criação.

Palavras-chave: Aquinate; Adão e Eva; Natureza Original; Lilith; Summa Theologiae;

Abstract: This article aims to explore the complex interactions between gender, power, and creation in medieval thought, focusing on the representations of Lilith and Eve in Thomas Aquinas' work, particularly in the Treatise on Man from the Summa Theologiae (1273). Through a detailed analysis of the comparisons between male and female nature, we investigate how Aquinas addresses the creation of the human body, highlighting the theological and philosophical distinctions that shaped the medieval understanding of corporeality. The study reveals the implications of these narratives for the perception of femininity and the role of women in the theological tradition, proposing a critical reassessment of the ideas of submission and equality present in discussions of creation.

Keywords: Aquinate; Adam and Eve; Original Nature; Lilith. Summa Theologiae.

Introdução

A relação entre gênero e Criação tem sido um tema central nas discussões teológicas e filosóficas ao longo da história, especialmente na tradição Centro-Medieval. Neste contexto, a figura de Tomás de Aquino emerge como uma referência fundamental, cujas obras, particularmente a *Summa Theologiae*, oferecem uma análise metódica da natureza humana em seu estado original e das dinâmicas de poder associadas à criação de Adão e Eva.

Na *Summa Theologiae*, especialmente no *Tratado sobre o homem*, nosso autor dedica uma análise detalhada à gênese da criação da mulher, comparando-a com a do homem, e explorando as implicações dessas narrativas bíblicas para a compreensão da natureza humana e das relações de gênero. O *Aquinate* aborda a questão a partir de uma perspectiva que integra a doutrina cristã com o pensamento aristotélico, oferecendo uma visão que influenciou profundamente o imaginário e as práticas sociais da Idade Média.

A análise tomista vai além de uma descrição estática das relações entre os sexos, estendendo-se à exploração de figuras como Lilith. Diferente de Eva, Lilith, presente nas tradições judaicas, é retratada como rebelde e transgressora, contrapondo-se ao papel submisso tradicionalmente atribuído a Eva. Essa narrativa sugere uma tensão profunda nas histórias de criação e no papel das mulheres na história da salvação.

Para isso, investigaremos a criação da mulher à luz das Questões 91 a 102 da *Summa Theologiae*, buscando no *Tratado sobre o homem* entendermos como o *Aquinate* articulou a relação entre corpo, intelecto e vontade, e como essas ideias moldam a percepção do corpo feminino. Através de uma comparação entre as criações masculina e feminina, este estudo não apenas ilumina as distinções teológicas que caracterizam a visão Tomista sobre a natureza humana, mas também propõe uma reavaliação crítica das narrativas que perpetuaram estigmas e desigualdades de gênero na cultura medieval. Assim, ao explorar as complexas interações entre Lilith, Eva e a filosofia de Aquino, este artigo contribui para um entendimento mais profundo das implicações de gênero na teologia medieval e suas ressonâncias contemporâneas.

Em vista disso, examinaremos as interpretações do *Doctor Angelicus* sobre a criação da mulher, comparando-as com as do homem, e como essas ideias foram

utilizadas para justificar certas visões sobre a natureza feminina e as relações de poder entre os sexos. A partir da análise dos textos da *Summa Theologiae* e de outras fontes medievais, buscamos entender como essas concepções moldaram a visão da mulher na teologia cristã e como essas ideias ainda ressoam nas discussões contemporâneas sobre gênero e espiritualidade. Nesse sentido, a compreensão desses temas representa uma das abordagens mais sistemáticas da tradição escolástica sobre a constituição do ser humano, ao integrar elementos teológicos e filosóficos na busca pela essência e o propósito do corpo humano no plano divino.

Por fim, ao longo do artigo serão comparadas as criações masculinas e femininas, com ênfase especial na análise do estigma negativo associado ao corpo feminino no imaginário medieval. Além disso, exploraremos a questão da inocência que caracterizou o estado inicial de Adão e Eva, assim como a perpetuação da espécie humana, destacando as dimensões corpóreas e éticas desse processo. Dessa forma, a análise de Aquino não apenas esclarece a visão cristã sobre a Criação, mas também oferece valiosos *insights* sobre a complexa relação entre corpo, intelecto e vontade, além de examinar como essas ideias moldaram a compreensão do corpo feminino na tradição escolástica.

O processo de criação do corpo masculino

A Questão 91 da *Summa Theologiae* marca o início da investigação de Tomás de Aquino sobre a temática corporal, apresentando quatro artigos que examinam a criação do corpo humano à luz da narrativa bíblica. Neste artigo, o frade dominicano propõe uma análise detalhada mediante comparações entre o corpo masculino, sua forma enquanto matéria, e a sua relação com os animais, argumentando que essas distinções são cruciais para a compreensão de sua filosofia acerca da natureza humana. A partir dessa análise, estabelecemos uma base para comparações subsequentes entre as criações masculina e feminina, buscando uma compreensão mais aprofundada das concepções medievais sobre a corporeidade e das implicações teológicas inerentes a essas distinções.

Este artigo introduz uma análise detalhada das comparações feitas pelo *Aquinate* entre o corpo masculino e a sua forma enquanto matéria e a sua comparação com os

animais, sugerindo que essas distinções são fundamentais para o entendimento de sua filosofia sobre a natureza humana. Essa abordagem servirá como base para comparações subsequentes entre as criações masculina e feminina, permitindo uma compreensão mais aprofundada das concepções medievais sobre a corporeidade e as implicações teológicas dessa distinção.

No primeiro artigo, Tomás de Aquino retoma a descrição da criação encontrada em *Gênesis* 2: 7-8. “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. E plantou o senhor Deus um jardim no Éden, do lado oriental e pôs ali o homem que tinha formado”. Para o frade dominicano, a criação do homem a partir do barro da terra representa uma obra em estado perfeito e reflete a ideia de que o corpo humano é um microcosmo. “E, por isso, porque se chama limo à terra misturada com água, diz-se que o corpo do homem foi formado do limo da terra. Por onde, o homem é chamado mundo menor, por nele se encontrarem, de certo modo, todas as criaturas do mundo” (*ST, I^a, q. 91, a. 1, sol.*).

No segundo artigo, Tomás de Aquino aprofunda a discussão sobre a criação humana como um ato de mandamento divino, sustentando que, embora Deus seja absolutamente imaterial, Ele é o único capaz de criar matéria e dar forma a ela sem depender de qualquer forma material preexistente: “Porém Deus, embora absolutamente imaterial, é o único que, pela sua virtude, pode produzir matéria, criando. Por onde, só dele é próprio produzir a forma na matéria, sem nenhum adminículo de qualquer forma material precedente” (*ST, I^a, q. 91, a. 2, sol.*). Nesse enxerto, Aquino ainda argumenta que a criação do homem está em consonância com a ordem da natureza divina, sendo parte de um desígnio que inclui também o movimento dos céus, a ressurreição dos mortos e a visão dada aos cegos (*ST, I^a, q. 91, a. 2, resp.*). É um projeto em que todos “[...] os seres naturais foram produzidos pela arte divina; e por isso são de certo modo artificiais pelo próprio” (*ST, I^a, q. 91, a. 3, sol.*).

Na sequência, o *Doctor Angelicus* reflete sobre a finalidade intrínseca de todos os seres criados, afirmando que cada um possui um fim a ser alcançado. “Assim Deus deu a cada ser natural a melhor disposição, não, certo, absolutamente, mas conforme a ordenação ao fim” (*ST, I^a, q. 91, a. 3, sol.*). Ele sugere que, enquanto a alma tem como fim a beatitude, o corpo serve como instrumento da alma racional, alinhado com suas

operações. Dessa forma, a natureza humana original segue um fluxo ordenado onde o corpo atua em harmonia com a alma em busca de seu fim último. Aquino enfatiza que qualquer falha nesse processo decorre da matéria, e não da alma, que é substancial e, portanto, incapaz de causar um desvio moral. Assim, “[...] algum defeito na disposição de tal corpo, devemos considerar que esse defeito resulta da necessidade da matéria, em reação às coisas necessárias, no corpo, para haver a proporção devida entre alma e suas operações” (*ST, I^a, q. 91, a. 3, sol.*). Esta argumentação destaca a perfeição da alma e sua primazia sobre o corpo, estabelecendo uma base sólida para a compreensão teológica da natureza humana.

No terceiro artigo da Questão 91, Tomás de Aquino explora a comparação entre a perfeição do homem e a dos animais, destacando as diferenças nas capacidades sensoriais: “Assim, o homem tem um olfato péssimo relativamente ao de todos os animais. Por isso era forçoso, que em relação ao seu corpo, tivesse cérebro melhor que deles todos” (*ST, I^a, q. 91, a. 3, resp.*). Segundo o mestre dominicano, a realização das virtudes sensitivas internas, essenciais para o intelecto humano, exige uma configuração cerebral mais complexa, o que justifica as diferenças na agudeza sensorial entre humanos e animais. A complexidade da composição humana, segundo ele, afeta seus sentidos e limita sua rapidez em comparação com os animais.

Em sua *solutio*, Aquino reafirma a superioridade do ser humano em relação às demais criaturas materiais: “Como diz Agostinho, o homem tem preeminência sobre os outros seres, porque foi feito à imagem de Deus, e não, porque o próprio Deus tivesse feito só a ele e não aos outros” (*ST, I^a, q. 91, a. 4, resp.*). Ao concluir, o *Aquinate* retorna à sua tese inicial de que a alma é a forma do corpo, argumentando que é “[...] contra a razão da perfeição da primeira instituição das coisas, que Deus tivesse feito o corpo sem a alma ou está sem aquele; pois ambos fazem parte da mesma natureza humana” (*ST, I^a, q. 91, a. 4, resp.*).

A Questão 92 da *Summa Theologiae* aborda a criação da primeira mulher, explorando sua origem a partir do homem, a simbologia da costela e sua inclusão no plano divino da Criação. No entanto, uma análise mais profunda dos dois primeiros capítulos do *Livro de Gênesis* revela um dilema teológico significativo. Isso porque, os registros antigos dos escritos hebraicos, como o *Talmud* e o *Zohar*¹, trazem a narrativa

intrigante de Lilith, apresentada como a primeira esposa de Adão (*Gênesis* 1: 27), Segundo esses relatos, Lilith abandona Adão ao se recusar a adotar uma posição submissa durante o ato sexual, o que leva Deus a criar uma nova companheira, Eva (SILVA, 2011, p. 47).

Essa exegese surge da leitura de *Gênesis* 1: 27 em contraste com *Gênesis* 2: 22-23. Esse mito de Lilith, removido dos textos bíblicos para alinhar o *Livro Sagrado* com os valores e padrões morais da época, permaneceu vivo na tradição oral e em textos rabínicos. Sendo assim, Lilith é frequentemente vista como uma figura que simboliza a primeira resistência feminina contra a dominação masculina (LARAIA, 1997, p. 149). Essa narrativa mítica, portanto, oferece uma perspectiva alternativa sobre as origens da mulher e desafia a compreensão tradicional da Criação, adicionando camadas de complexidade ao estudo teológico e filosófico da natureza feminina na tradição cristã.

Nesta análise, uma interpretação alternativa e fascinante sugere que, assim como na criação dos animais, Deus teria formado um casal humano composto por Adão e uma mulher anterior a Eva. Segundo a tradição judaica antiga, essa figura primordial é identificada como Lilith, uma mulher notável por sua recusa em se submeter ao domínio masculino. Lilith rejeitou a posição sexual convencional, que implicava a supremacia do homem, e fugiu para as margens do Mar Vermelho. A insatisfação de Adão com a partida de Lilith levou-o a reclamar ao Criador, que então enviou três anjos – Sanvi, Sansanvi e Samangelaf – para tentar trazê-la de volta (GRAVES; PATAI, 1983, p. 50). No entanto, as tentativas dos anjos fracassaram, mesmo com a ameaça de afogamento, resultando na transformação de Lilith em um demônio feminino, rainha da noite, que eventualmente se uniria a Samael, o senhor das forças malignas (LARAIA, 1997, p. 151).

Para Hilário Franco Júnior, essa narrativa sobre o casal original não é apenas uma utopia, mas também “[...] uma expressão de desejos coletivos de perfeição, quase sempre de retorno a uma situação primordial de humanidade” (FRANCO JUNIOR, 1992, p. 13). Assim, a história de Eva, conforme adotada nos discursos cristãos, expressa esse desejo de retorno ao estado de perfeição, e é exatamente essa construção que Tomás de Aquino explora no *Tratado sobre o homem*.

Baseando-se na *expositio* de *Gênesis* 2: 22-25, nosso autor empreende um retorno “[...] nostálgico que busca a harmonia edênica, e é, portanto, um mito projetado

no futuro” (FRANCO JÚNIOR, 1992, p. 13). Seu estudo reflete uma busca que explora essas narrativas contrastantes e suas implicações para a compreensão medieval da natureza humana e da criação. Logo, na análise da criação de Eva, descrita em *Gênesis* 2:22-25, o *Doctor Angelicus* interpreta essa figura feminina como uma criação divina destinada a ser adjutora do homem, especificamente de Adão. Ele argumenta que Eva foi criada não para auxiliar em outras tarefas, mas principalmente para o auxílio na geração de descendentes: “Não, certo, adjutório para qualquer outra obra, como alguns disseram; pois, nisso o homem pode ser ajudado, mais convenientemente, por outro homem, do que pela mulher; mas para o adjutório da geração” (*ST, I^a, q. 92, a. 1, sol.*).

O texto bíblico relata a dupla desobediência da mulher: Lilith não atende a convocação do Senhor para voltar para Adão; Eva come do fruto proibido e convence Adão a fazer o mesmo. O pecado original transforma os seres puros, criados por Deus, em seres impuros. A mulher, a principal responsável pela queda, expressa a sua impureza [...] Estruturalmente, Lilith e Eva cometeram o mesmo crime, o da desobediência ao Senhor e foram punidas da mesma forma: Todos os dias, por toda a eternidade, Lilith, “a mãe dos demônios” tem que se conformar com a morte; da mesma forma, Eva é a responsável pela morte de todos os seus descendentes que poderiam ser imortais se continuassem a viver no Paraíso (LARAIA, 1997, p. 158).

Em um primeiro momento podemos ter a impressão que as interpretações de Tomás de Aquino não apenas perpetuam no imaginário medieval a representação da mulher como subordinada ao homem, mas também suscitam uma análise mais profunda da reprodução e da função feminina na Criação. Em seus escritos, Aquino explora como o processo de reprodução, conforme descrito na *Bíblia*, reforça a visão de uma divisão funcional entre os sexos, com implicações significativas para o entendimento da mulher na sociedade medieval. Esta análise abre caminho para a reconsideração da figura de Lilith, que, em contraste com a representação de Eva, oferece uma perspectiva alternativa ao papel tradicionalmente submisso atribuído à mulher. Assim, a discussão sobre a reprodução e o papel das mulheres em Aquino permite uma reavaliação crítica das narrativas que moldaram a compreensão da feminilidade na tradição teológica e cultural.

Em parâmetros de igualdade: A criação feminina

Nessa mesma lógica de submissão, na Questão 92, Tomás de Aquino observa que algumas criaturas possuem simultaneamente as virtudes geradoras ativa e passiva. Este é o caso das plantas, que se reproduzem a partir de sementes e essas virtudes se manifestam de forma integrada, sem uma distinção notável entre atividade vital e geração. No entanto, quando consideramos animais mais complexos, como os seres humanos, Aquino identifica uma divisão clara entre essas virtudes: a ativa está associada ao sexo masculino e a passiva ao feminino (*ST, I^a, q. 92, a. 1, sol.*).

Para o nosso autor, a vida humana, orientada para atividades vitais superiores além da mera geração, não sustenta uma conexão constante entre os sexos como nas plantas. Em vez disso, a união dos sexos ocorre especificamente durante o ato sexual, destinado à procriação. Embora as virtudes masculinas e femininas se combinem no processo de reprodução, a complexidade da atividade humana, que envolve compreensão e intelectualização, justifica a separação dessas virtudes. Assim, a virtude geradora ativa, responsável pela produção, e a passiva, pela receptividade, são distintas, refletindo a natureza superior da atividade vital humana e especialmente do corpo masculino (*ST, I^a, q. 92, a. 1, sol.*).

Como desdobramento do argumento sobre a submissão, Tomás de Aquino conclui o primeiro artigo da Questão 92 com uma análise da passagem bíblica que aparece em *Gênesis 2:24* e *Marcos 10:8*, a qual afirma que homem e mulher se tornarão uma só carne. Este conceito, no entanto, carrega consigo uma estigmatização histórica, uma vez que, nos primeiros séculos, foi utilizado como uma ferramenta para reforçar a submissão feminina. Essa interpretação foi fortemente influenciada pelo imaginário greco-romano e, particularmente, pela visão paulina, que moldou o processo de cristianização do mundo ocidental e, conseqüentemente, contribuiu para a exclusão crescente da mulher da mediação com o divino (LIMA, 2010, p. 04).

É crucial notar que, para Tomás de Aquino, apesar das passagens bíblicas terem raízes no contexto judaico e cristão, sua interpretação visa formalizar e questionar a inferiorização da figura feminina que foi estigmatizada nos primeiros séculos

(PORTELA, 2012, p. 83). Aquino utiliza essas premissas para examinar criticamente o grau de subordinação atribuído às mulheres, propondo uma reflexão mais profunda sobre suas implicações. Nesse sentido, em seus textos subsequentes Aquino se dedica a explorar e desconstruir essa visão, procurando oferecer uma análise mais equilibrada e complexa do papel feminino na tradição teológica e filosófica.

Se as obrigações entre os cônjuges assumem, neste texto, contornos desnivelados, não os imputamos a uma atitude deliberadamente misógina de que com frequência a *Epístola aos Efésios* (5, 25-30) é injustamente acusada. Curiosamente, da leitura dos excertos citados, escassas são as situações de desigualdade entre o exigido ao homem e o exigido à mulher. S. Paulo não faz mais do que enquadrar-se na mentalidade e na linguagem da época: a mulher, na Antiguidade, era considerada um ser de estatuto tutelado, propriedade do pai que passava para o marido e, como ser desprovido de vontade própria, carecia de proteção e do amor dado pelo homem (DIAS, 2004, p. 104).

Ainda na Questão 92, nosso autor prossegue com a discussão da criação da mulher a partir do homem, uma discussão que tem implicações profundas sobre a percepção da igualdade e da submissão feminina na tradição medieval. O *Aquinate* argumenta que, embora a mulher tenha sido formada a partir de uma costela de Adão, isso não deve ser interpretado como uma indicação de inferioridade ou submissão. De acordo com Aquino, a criação da mulher a partir do homem deve ser compreendida como uma expressão do plano divino, onde ambos, homem e mulher, participam igualmente do desígnio criativo de Deus. “Terceiro, porque, como diz o Filósofo, na espécie humana, o varão e a mulher unem-se não só pela necessidade da geração, como os brutos, mas também para a vida doméstica, na qual há uns atos próprios ao homem e outros, à mulher, sendo aquele a cabeça desta” (*ST, I^a, q. 92, a. 2, sol.*).

Nessa ocasião o *Doctor Angelicus* ressalta que a união entre homem e mulher é fundamental não apenas para a reprodução, mas também para a harmonia da vida doméstica, com cada um desempenhando papéis distintos, mas igualmente importantes. Ademais, ele enfatiza que a criação da mulher por meio da costela não deve ser vista como um sinal de sua subordinação. Ao contrário, Aquino argumenta que a mulher e o homem são coparticipantes do mesmo projeto divino, cada um com seu papel específico e complementar. Logo, na perspectiva Tomista a mulher “[...] não foi produzida do homem por geração natural, mas pela virtude divina” (*ST, I^a, q. 92, a. 2, resp.*).

Nos artigos subsequentes da Questão 92, Aquino continua defendendo a ideia de que, apesar das diferenças na forma de criação, homem e mulher compartilham uma essência comum e são igualmente valiosos no plano divino. Nosso autor contesta a visão de que a mulher, criada a partir da costela do homem, seria inferior a ele, argumentando que Deus, o Criador, tinha a capacidade única de moldar a mulher a partir de uma parte do homem, assim como criou o homem do barro. “Primeiro para significar que deve haver união entre o homem e a mulher. Pois, nem esta deve dominar aquele e, por isso, não foi formada da cabeça; nem deve ser desprezada pelo homem, como numa sujeição servil e por isso não foi formada dos pés” (*ST, I^a, q. 92, a. 3, sol.*). Isso destaca a natureza sobrenatural da criação e reafirma que a mulher é uma parte intrínseca e integral do projeto divino, não uma simples variação da matéria (*ST, I^a, q. 92, a. 4, sol.*).

Como forma de *solutio* da *quaestio* levantada, Tomás de Aquino retoma a questão da criação do homem e da mulher e a geração natural das espécies. Ele argumenta que, conforme a ordem natural estabelecida por Deus, cada espécie é gerada a partir de uma matéria específica e apropriada. No caso da humanidade, a substância necessária para a geração é o sêmen, que pode vir tanto do homem quanto da mulher. Isso implica que, naturalmente, a geração de um ser humano não pode ocorrer a partir de qualquer outra matéria. Apenas Deus, como arquiteto da ordem natural, possui a capacidade única de criar seres humanos a partir de materiais não naturais, moldando o homem a partir do pó da terra e a mulher a partir da costela do homem (*ST, I^a, q. 92, a. 4, sol.*).

Embora o homem e a mulher tenham origens materiais distintas, a *Escritura Sagrada* afirma que a natureza humana reflete a imagem e semelhança de Deus (*Gênesis* 1:26) e a ao recorrer a essa passagem nosso autor afirma: “Por onde é claro que a semelhança é da essência da imagem, e que está acrescentado algo à noção daquela, a saber, que seja a expressão de outra coisa; pois, imagem se chama aquilo que é feito como imitação de outra coisa” (*ST, I^a, q. 93, a. 1, sol.*). Por fim, Aquino esclarece que essa semelhança é um reflexo da essência divina, embora não seja uma igualdade plena com Deus, que transcende infinitamente a natureza humana. A imagem de Deus na humanidade é, portanto, imperfeita e limitada, representando uma conexão e uma relação de proximidade que, apesar de significativa, não atinge a plenitude divina (*ST, I^a, q. 93, a. 1, sol.*). Assim, a análise tomista da criação feminina não apenas desafia

interpretações que sustentam a inferioridade da mulher, mas também sublinha a igualdade essencial entre os gêneros, mesmo em face das diferentes origens materiais. A contribuição de Aquino para essa discussão é crucial para compreender a relação entre homem e mulher na tradição cristã e as implicações dessa relação para a teologia e a filosofia medieval.

Considerações finais

Tomás de Aquino aborda a criação da mulher no *Tratado sobre o Homem*, especificamente na Questão 92 da *Summa Theologiae*, onde discute a origem e a natureza da mulher em relação ao homem. Ele argumenta que a mulher foi criada a partir da costela do homem, o que, segundo ele, simboliza a união e a complementaridade entre os gêneros. Aquino enfatiza que a mulher não deve ser vista como inferior ao homem, pois sua criação a partir de uma parte do homem indica uma relação de igualdade e interdependência.

Em contrapartida, a figura de Lilith, como uma narrativa alternativa à criação de Eva, oferece uma perspectiva crítica que enriquece a discussão sobre a feminilidade e a autonomia feminina na tradição judaico-cristã. Através da análise dessas figuras, o artigo propõe uma reavaliação das narrativas que moldaram a percepção da mulher ao longo dos séculos, destacando a necessidade de uma leitura mais equilibrada e complexa das contribuições femininas na teologia.

Nosso autor explica que a escolha de criar a mulher a partir da costela do homem não foi acidental; ao contrário, foi uma decisão divina que reflete a intenção de que a mulher não dominasse o homem (não foi criada da cabeça) nem fosse considerada inferior (não foi criada dos pés). Essa perspectiva sugere que a mulher é uma parte integral do plano divino, com um papel significativo na criação e na sociedade.

Aquino argumenta que, embora o homem tenha sido criado a partir do pó da terra e a mulher a partir da costela do homem, ambos refletem a imagem e semelhança de Deus, conforme descrito no *Gênesis*. Ele utiliza essa base para discutir a relação entre os sexos, destacando tanto a igualdade essencial entre homem e mulher quanto as diferenças funcionais que, segundo ele, são inerentes à ordem natural estabelecida por Deus. Essa distinção é especialmente visível na forma como Aquino descreve as virtudes

geradoras ativa e passiva, atribuindo a primeira ao homem e a segunda à mulher, em conformidade com as funções biológicas e sociais que ele via como determinadas pela natureza. Além disso, Aquino discute a geração natural das espécies, afirmando que, conforme a ordem estabelecida por Deus, a geração humana ocorre a partir de uma matéria específica, que pode vir tanto do homem quanto da mulher. Ele argumenta que apenas Deus tem a capacidade de criar seres humanos a partir de materiais não naturais, como o barro e a costela, destacando a singularidade do ato criativo divino.

As reflexões de Tomás de Aquino sobre a criação da mulher revelam uma complexa intersecção entre teologia, filosofia e questões de gênero na tradição medieval. Ao analisar a origem da mulher a partir da costela do homem, Aquino não apenas reafirma a importância da complementaridade entre os gêneros, mas também desafia interpretações que a consideram como um sinal de inferioridade ou submissão. Sua argumentação enfatiza que tanto o homem quanto a mulher são coparticipantes do plano divino, cada um com um papel distinto, mas igualmente valioso.

Em última análise, a obra de Aquino serve como um ponto de partida para um diálogo contínuo sobre gênero e criação, incentivando uma reflexão mais profunda sobre as implicações dessas ideias na sociedade contemporânea. A busca por uma compreensão mais justa e equitativa do papel da mulher na tradição teológica é essencial para a construção de um futuro onde a igualdade de gênero seja não apenas reconhecida, mas também celebrada. Assim, este estudo não apenas ilumina as concepções medievais sobre a corporeidade, mas também convida à reflexão sobre como essas ideias ainda ressoam em nossos dias, desafiando-nos a reconsiderar as narrativas que moldam nossas percepções de gênero. Assim, a abordagem de Aquino sobre a criação da mulher reflete uma tentativa de equilibrar a visão de igualdade entre os gêneros, ao mesmo tempo em que reconhece as diferenças que, segundo ele, são parte do plano divino para a humanidade.

Referências Bibliográficas

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1994.
- DIAS, Paula Barata. A influência do Cristianismo no conceito de casamento e de vida privada na Antiguidade Tardia. *Ágora*, v. 6, n. 1, p. 99-133, 2004.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As utopias Medievais*: Brasiliense, 1992.
- GRAVES, R. e PATAI, R. *Hebrew myths: The book of Genesis*. New York, Greenwich House: 1983.
- LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. *Revista de Antropologia*, v. 40, n. 1, p. 149-164, 1997.
- LIMA, R. L. O imaginário judaico-cristão e a submissão das mulheres. In: Fazendo Gênero 9 - Diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010, Florianópolis-SC. *Anais do Fazendo Gênero 9 - Diásporas, diversidades, deslocamentos*. Florianópolis-SC: UFSC, 2010. p. 01-10.
- PORTELA, Ludmila Noeme Santos. *O Malleus Maleficarum e o discurso cristão ocidental contrário à bruxaria e ao feminino no século XV*. 2012, p. 212. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- SILVA, Edilene Oliveira. As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa. *Estudos Feministas*, n. 19, n. 1, 35-51, 2011.
- TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theologiae*. 2º ed., Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

ⁱ Cabe ressaltar ao leitor que nessas obras não há menções à figura de Lilith no texto do Gênesis. A aparição dessa figura é resultante de uma exegese, uma mística posterior a edição do texto bíblico por Esdras/Ezra no século VI a.E.C.